



PORNOTOPIA DO FRACASSO QUEER: REFLEXÕES INICIAIS SOBRE A DIMENSÃO ESPACIAL DO MOVIMENTO QUEERPUNK EM SÃO PAULO¹

Vinicius Santos Almeida ²

RESUMO

Este artigo traz uma revisão bibliográfica a fim de encontrar novos caminhos teóricos para o estudo do movimento queerpunk a partir de uma abordagem espacial. O queerpunk é um movimento cultural e político que constitui o campo das lutas pelos direitos sexuais e de gênero. A partir da discussão de escala e de espaços heterotópicos, alinhada à uma crítica à normatividades sexuais dentro de movimentos sexuais, considero que o movimento queerpunk pode ser apreendido a partir das noções de pornotopia – espaços que rompem com a lógica normativa do espaço a partir do desejo – e do fracasso queer – ação intencional de não seguir com modelos de sucesso para sujeitos sexo-gênero dissidentes, baseados na heteronormatividade.

Palavras-chave: Queerpunk, Movimento Punk, Heterotopia, Geografia da Música, São Paulo

RESUMEN

Este artículo aporta una revisión bibliográfica con el fin de encontrar nuevas vías teóricas para el estudio del movimiento queerpunk desde un enfoque espacial. El queerpunk es un movimiento cultural y político que constituye el campo de las luchas por los derechos sexuales y de género. A partir de la discusión sobre la escala y los espacios heterotópicos, alineada con una crítica a las normatividades sexuales dentro de los movimientos sexuales, considero que el movimiento queerpunk puede ser apreendido a partir de las nociones de pornotopía – espacios que rompen con la lógica normativa del espacio desde el deseo –, y de fracaso queer – acción intencional de no seguir con los modelos de éxito de los sujetos sexo-género disidentes, basados en la heteronormatividad.

Palabras clave: Queerpunk, Movimento Punk, Heterotopia, Geografia de la Música, San Pablo

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana da Universidade de São Paulo – USP, vinicius.santos.almeida@usp.br



INTRODUÇÃO

Abordo de forma inicial as relações entre o movimento queerpunk e as espacialidades de corpos dissidentes. O queerpunk é um movimento dentro do punk, surgido nos EUA na década de 1980. Inspirado pela análise antissocial dos movimentos punk feminista e queer punk estadunidenses (WIEDLACK, 2015), a partir dos discursos e das relações de sujeitos desse movimento musical, o objetivo nesta pesquisa é entender a influência do queerpunk paulistano, especificamente sua dimensão espacial, na luta política de minorias sexo-dissidentes. O recorte temporal é de 2000 até o presente momento, considerando o período de desenvolvimento do movimento no Brasil.

Com maior expressão na década e 1990 nos EUA no início dos anos 2000, o queerpunk apresenta tanto uma crítica às opressões sexuais e de gênero, como também críticas a alguns valores defendidos por movimentos LGBTQIA+, identificados como assimilados a sistemas normativos de gênero e sexualidade (heteronormatividade e cisgeneridade). No Brasil, as primeiras bandas que vieram a se intitular ou foram intituladas como queerpunk, surgiram no final dos anos 1990 e início dos anos 2000 e desde então se constituíram em uma parte contestadora dentro do punk (BITTENCOURT, 2011).

Encerro este texto com considerações iniciais sobre uma pesquisa que está em desenvolvimento. Entender o espaço como instância de produção de corporalidade, bem como o corpo como produtor de espaço, alinhado a uma abordagem crítica às identidades sexuais e de gênero permite apreender os espaços de socialização do queerpunk (shows e outros eventos) como heterotopias (FOUCAULT, 2013): potenciais rompimentos no funcionamento comum e normativo do espaço. Além disso, é possível inserir essa análise em um contexto maior de investigação sobre movimentos por direitos sexuais.

METODOLOGIA

Nesta fase inicial da pesquisa, a partir de revisão bibliográfica, apresento articulações entre a geografia, os estudos de gênero e sexualidade e pesquisas sobre o movimento punk. Essas novas conexões teóricas resultam em um aporte teórico específico para meu objeto de estudo, mas que pode ser retrabalhado em outros objetos relacionados.



REFERENCIAL E DISCUSSÃO TEÓRICA

Punk queer e feminista

Em *Queer-feminist punk: an anti-social history*, Maria Katharina Wiedlack (2015) apresenta uma análise profunda e complexa dos movimentos contestatórios de gênero e sexualidade dentro do movimento punk. Conhecidos como queerpunks, punks feministas, riot grrrl e queercore (homocore, dykecore), essas bandas são compostas por integrantes que eram/são explicitamente queer³. Segundo a autora, quem primeiro ressignificou o termo “queer”, considerado ofensivo, foram os movimentos contestatórios à assimilação de gays e lésbicas ao mercado dos anos 1980. Esse termo foi inicialmente incorporado de forma mais efetiva entre punks queer e feministas nos EUA.

Para além das definições acadêmicas de queer enquanto uma ação política, apresento a definição da banda queerpunk de Curitiba (PR) Teu Pai Já Sabe? na música intitulada “Queer”:

Queer é uma identidade definida contra a dominação hetero-monogâmica-patriarcal-branca. Queer representa nossas sexualidades, nossa resistência ao regime do normal, e a normalidade é vista para nós como uma tirania. E nos é imposta violentamente a cada dia. A normalidade é a miséria e a opressão... A normalidade é a miséria e a opressão. (TEU PAI JÁ SABE?, 2013, s.p.)

Segundo Tavia Nyong’o (2005), no artigo *Punk’d Theory*, e também no artigo de G. B. Jones e Bruce LaBruce (1989), precursores do queercore canadense, *Don’t be gay: or how I learned to stop worrying and fuck punk in the ass*, o termo punk, que teve diferentes significados em contextos anglófonos, era usado a partir de meados do século XX, em grupos afro-estadunidenses para se referirem a homens que eram penetrados por outros homens na prisão. Mas o termo se tornou popular em contextos mais amplos quando passou a denominar o novo gênero musical dos anos 1970.

Para Wiedlack, após a criação e alguns anos de perpetuação de uma cena musical de jovens dominada pela masculinidade e pela branquitude, pessoas queer e feministas

³ Escrevo este termo anglófono sem itálico ou outra marcação de palavra estrangeira porque considero que o termo está introduzido no vocabulário brasileiro de acadêmicos e acadêmicas no campo dos estudos de gênero e, em menor escala, nos movimentos sociais pautados em direitos sexuais.



propuseram novas formas de produzir significados musicais de raiva, rebeldia e ação política, introduzindo nessas ações a desobediência de gênero. Apesar de diverso no que se refere às ideias e abordagens, o movimento punk queer-feminista possibilitou a muitos jovens o contato e a produção independente de reflexões e conhecimentos sobre seu próprio corpo, gênero, sexualidade, raça e etnia antes mesmo de Judith Butler (2017) publicar *Problemas de Gênero* em 1990.

Wiedlack (2015) lê as letras de músicas, a sonoridade e as performances, bem como os zines e os festivais da cena estadunidense com uma abordagem híbrida, que inclui teorias estruturalistas, psicanalíticas e pós-coloniais. O mais significativo para o trabalho que apresento aqui são as noções de negatividade queer e de teoria antissocial. Sempre associadas na análise de Wiedlack, a negatividade queer é entendida a partir dos trabalhos de José Esteban Muñoz (2009) e Lee Edelman (2004) como uma dissociação de toda identidade normativa: da música harmoniosa para o barulho do punk, do significado pacífico e amigável de comunidade para os moshs dos shows de punk, e, principalmente, da performance masculina e agressiva de mulheres, rompendo com o esperado para os papéis de gênero femininos, e a performance homoerótica de homens gays e bichas no palco. Haveria um afastamento intencional (e, por vezes, não intencional) da normatividade.

As letras que expressam críticas às identidades gay e lésbica mainstream são lidas por Wiedlack como posturas negativas e possibilidades de construção de outras formas de ser gay e lésbica. Assumir uma ‘pulsão da morte’ é não pretender viver um futuro heteronormativo, que resultaria na condição de sujeito abjeto, fora das normas e sem possibilidade de existência, aponta para uma sociabilidade queer específica do punk queer-feminista. Isso independente se há ou não a intenção de propor um futuro alternativo. A ação se resume ao agora, à noção lacaniana do gozo [*jouissance*] usada como um momento de rompimento com a realidade.

Retornando à geografia, enxergo na proposta das abordagens não-representacionais, em especial no livro *Non-Representational Theory: Space, Politics, Affect* de Nigel Thrift (2008), uma convergência para a leitura de Wiedlack do punk queer-feminista. Pensar gênero e sexualidade queer para além da teoria queer, focada em um objeto de estudo cujos significados importam no momento em que são feitos (apesar dos registros históricos que eles



deixam) – performances e músicas – soa como um objeto de estudo ideal para a “geografia das coisas que acontecem” (THRIFT, 2008, p. 2, tradução minha).

A reprodução da existência através de rotinas onde o corpo é central, como nas performances punk, com corpos que se movimentam com violência e sem cuidado, autodestrutiva, são práticas e ações em movimento, poderiam ser os fluxos sobre os quais o geógrafo fala. O corpo é colocado em ação e é a ação que interessa. O que a ação faz no espaço? E o que o espaço faz na ação? Não se trata de ações positivas, ou da positividade foucaultiana, produtora de significados.

Vejo uma aproximação de Thrift com a teoria da negatividade de Muñoz, apresentada por Wiedlack, quando aquele afirma que a ação nem sempre é ativa ou intencional, e nem sempre ela é empoderada ou heroica. “Corporeidade inclui tropeçar, cair, e toda uma série de erros. Inclui vulnerabilidade, passividade, sofrimento, até mesmo fome. Inclui episódios de insônia, cansaço e exaustão, um senso de insignificância e mesmo pura indiferença com o mundo” (THRIFT, 2008, p. 10, tradução minha). A performance punk pode ser entendida como uma violência automotivada com o próprio corpo, com as cordas vocais, com os músculos, ombros e braços. Nesse sentido, penso que os espaços de shows são espaços da negatividade social. Nos shows punks queer-feministas, essa negatividade é queer porque a violência automotivada é a descaracterização/despersonalização/destruição dos significados de gênero normativos que um corpo deveria ter.

Uma questão que fica é: como a negatividade queer pode ser representada? Ou seria melhor perguntar: a representação da negatividade queer (a performance punk queer-feminista) é suficiente para alguém apreender inteiramente seu significado? Há algo nas performances que algumas pessoas não veem. Homens cis+heterossexuais punks podem não entender imediatamente o significado de homens gays tocando e cantando nus sobre homofobia ou o significado da indiferença explícita de uma banda formada por mulheres quanto à presença de homens em seus shows.

O sociólogo Sam Bourcier ([2017] 2020, p. 51-52), em seu livro *Homo inc.orporated: o trigângulo e o unicórnio que peida*, critica o que chama de “reconhecimentos chinfrins ou comprometedores” que seriam os direitos civis para gays, lésbicas, bissexuais e trans



mediados pelo mercado e pelo Estado, esta entendida como uma tecnologia disciplinadora, portanto normativa. A existência em seus termos nunca seria exatamente livre: os homossexuais foram inseridos na possibilidade de existência (proteção) do Estado de Direito apenas sob a condição de serem homens masculinos e mulheres femininas, cisgêneros, que reproduzem o modelo unicelular da família monogâmica, consumidora e produtiva. O autor considera que da mesma forma que o discurso neoliberal do empoderamento feminista ‘desempoderou’ as mulheres de uma ação política verdadeiramente autônoma sobre seu próprio corpo, “os gays e as lésbicas são *disempowered* pelo discurso de *empowerment* e a gestão neoliberal da ‘comunidade’ que lhes são oferecidos como um substituto para as políticas gays e lésbicas progressistas e de esquerda que eram as suas próprias” (BOURCIER, 2020, p. 54, grifos do autor).

A seguir, uma definição de queer dada pelo teórico Jack Halberstam (2005) em seu livro *In a Queer Time and Place: Transgender Bodies, Subcultural Lives*, que dialoga com outras possibilidades de existência fora de discursos (homo)normativos:

[...] “queer” refere-se a lógicas e organizações não normativas de comunidade, identidade sexual, corporeidade e atividade no espaço e tempo. “Tempo queer” é um tempo para aqueles modelos específicos de temporalidade que emergem no pós-modernismo quando alguém abandona os enquadramentos temporais da reprodução e da família burguesa, da longevidade, do risco/segurança e da herança. “Espaço queer” refere-se à prática de produção de lugar no pós-modernismo no qual pessoas queer se engajam e também descreve novos entendimentos do espaço possibilitados pela produção de contrapúblicos queer. (HALBERSTAM, 2005, p. 6, tradução minha)

Com leituras transdisciplinares, incluindo críticas a geógrafos marxistas, Halberstam se apresenta como um defensor da abordagem antissocial e do fracasso. Repensar as noções de tempo e espaço da chamada geografia pós-moderna é uma empreitada ousada, mas a argumentação do autor é consistente. Corpos marcados pela performatividade queer experienciam o tempo e o espaço de outras formas. Uma teoria social que não leva em conta essas especificidades não pode ser usada para analisar a sociedade de forma irrestrita.

A política alternativa do fracasso é outra importante chave analítica porque ela permite o acesso às ações políticas que não foram bem-sucedidas e, a partir delas, encontrar novas possibilidades de ação. Por sucesso, Halberstam entende o tornar-se dominante. Assim, o fracasso possibilita a visualização de formas não dominantes de vida. Se sucesso significa



conformidade capitalista, o fracasso pode ser um caminho para o afastamento desse modelo. “Como prática, o fracasso reconhece que alternativas já estão embutidas no dominante e que o poder nunca é total ou consistente” (HALBERSTAM, 2020, p. 133).

Em *A arte queer do fracasso*, Halberstam (2020, p. 38) propõe uma “baixa teoria”: outro modo de acesso, modelos teóricos fora do radar da excelência canônica. Essa baixa teoria teria três eixos importantes, mas não exclusivos ou determinantes: a estupidez, o fracasso e o esquecimento. Já abordei o fracasso. A estupidez se encontra de forma mediada pelas hierarquias de gênero (no sexismo vulgar, homens são inteligentes, mulheres são menos inteligentes) e pelo senso comum (inteligência é manipulação, o que é positivo para os homens e negativo para as mulheres; a falta de inteligência pode ser entendida como humildade que absolve homens de seus erros). O autor identifica na cultura masculina ocidental uma apropriação da estupidez encenada como reforço da masculinidade: ela desarma, cativa, inocenta os erros do homem (observemos os discursos de defesa de homens acusados de estupro – não tinham intenção, não sabiam que a mulher estava alterada, não sabiam que ela era menor de idade, não tinham como saber se ela estava dizendo a verdade quando dizia que não estava interessada). O não saber do homem é uma chave de compreensão do funcionamento da normatividade heterossexual. A mulher inteligente, a bicha inteligente e que não aceitam o não saber do homem, forçam-no a evidenciar sua posição de poder através da desconstrução do discurso sexista.

Já o esquecimento tem dois lados: a biografia é uma ferramenta de esquecimento, porque apresenta uma narrativa dominante às custas do apagamento de personagens e fatos históricos condicionados às opções do autor ou autora; mas o esquecimento por parte de corpos dissidentes pode ser um rompimento nas formas de inteligibilidade de gênero e raça. E se tivéssemos um outro olhar para a História LGBT que nos é contada, com um enfoque em personagens ‘coadjuvantes’ ou nunca citados? A história seria outra? Ela deixaria de ser centrada no homem gay? Há outros esforços nesse sentido para apresentar narrativas não heroicas do movimento LGBT no Brasil a partir do resgate da memória (MORANDO, 2020; QUINALHA, 2021; TREVISAN, 2018).

O punk queer-feminista é uma forma de denunciar a estupidez masculina, o fracasso do gênero e da sexualidade e o esquecimento das conquistas neoliberais do movimento



LGBT. A roda⁴ nos shows de bandas punk queer-feminista é um momento de performance da destruição (não apenas suspensão temporária) das normas sexuais e de gênero. Se entendermos gênero como trabalho e trabalho como performance (BOURCIER, 2020, p. 210), o show punk queer-feminista pode ser lido como um momento de greve do gênero: mesmo as pessoas mais desobedientes, no dia a dia ainda estão atentas para o que podem e o que não podem fazer a fim de se protegerem de opressões de gênero. Mas na heterotopia punk, o objetivo é explodir o trabalho: nenhum vestígio de feminilidade ou de masculinidade é cobrado, pelo contrário, a masculinidade do homem hetero punk é encenada na forma de um pastiche (pior que a paródia, porque o pastiche é a paródia naturalizada, sem a intenção de fazer graça). Na heterotopia punk todos são convidados a ser drag kings do pior modelo de masculinidade que conhecem.

Pornotopia do fracasso

Michel Foucault ([1984] 2013) apresenta uma discussão sobre as heterotopias em conferência proferida em 1967. Pensando sobre o espaço das sociedades, o filósofo cunha o termo heterotopia para contrapor à utopia. Esta seria um não-lugar, aquela seria a realização de um não-lugar – ou lugar fora do lugar. Ele divide as heterotopias em dois tipos: de crise e de desvio. A primeira diz respeito aos lugares provisórios destinados a pessoas em estado de crise: o lugar da lua de mel para a perda da virgindade da mulher, o serviço militar para os jovens homens com a sexualidade aflorando e os asilos para os idosos que não são considerados produtivos socialmente. Já a heterotopia de desvio diz respeito aos lugares dos indivíduos que fogem à regra social, como as pessoas neurodivergentes em hospitais psiquiátricos, as prisões e, também, os asilos, uma vez que a não-produtividade é também um desvio.

A partir dessa noção, Paul Preciado (2010) se propõe a pensar sobre os não-lugares da sexualidade e apresenta a pornotopia, onde o desejo produz espaço e é, ao mesmo tempo, produto de operações espaciais. Seu trabalho é focado na pornotopia da heterossexualidade masculina do pós-guerra, representada pela cultura Playboy. No entanto, ele nos fornece

4 Mosh ou pogo: dança em shows punk e outros gêneros musicais pesados, que consiste de movimentos agressivos, mas também, dependendo do contexto, de movimentos ritmicos em roda apenas simulando gestos agressivos.



algumas terminologias para heterotopias de sexualidades que fogem da regra da reprodução em uma configuração familiar uninuclear e heterossexual: pornotopias de proliferação extensa, pornotopias localizadas, pornotopias de restrição, pornotopias de transição. Também pornotopias subalternas, criadas quando uma minoria se faz visível no espaço, como os ‘bairros gays’ de Nova Iorque, Los Angeles e Paris – e podemos pensar também no largo do Arouche em São Paulo que, mesmo não sendo um bairro gay, assim como não o é o Le Marais, apresenta um histórico de apropriação territorial por pessoas LGBT. E a pornotopia de resistência, que seria uma manifestação pública de dissidência sexual quase que de forma encenada, que não se faz a todo o momento, como é o caso das paradas do orgulho e outras manifestações políticas.

Entendo o ato de andar de mãos dadas – algo muito caro para casais LGBT – como um ato que ressignifica o espaço público onde se dá, podendo produzir uma situação pornotópica de resistência. Trata-se de um ato corporal incorporado à performatividade e, portanto, à produção de sujeitos. Esse ato performativo pode parecer individual, mas nunca o é, porque ele se referencia na relação do Eu com o outro. Não é nem mesmo um ato meu ou do outro, mas produto da relação: o significado de um casal LGBT de mãos dadas em público é também uma resposta para a interpelação ‘quem é você?’, que depende do reconhecimento do outro sobre si mesmo. Lembremos que a produção dos sujeitos se dá sempre em um espaço e um tempo (FOUCAULT, 2018). Portanto, a visibilidade do afeto LGBT gera uma fratura no modo normativo do tecido espacial.

Judith Butler entende que estar presente e visível no espaço público, quando não se é desejável estar, é uma expressão política. Esse ato se torna encorpado e substanciado com outras aparições públicas no espaço, individuais, mas, principalmente, coletivas. Quando vemos grupos de pessoas reunidas reivindicando seu direito de deliberar sobre suas próprias vidas, estamos em frente a uma assembleia, “uma forma plural de performatividade” (BUTLER, 2018, p. 14).

A necessidade de reunião pode surgir na precariedade na qual estão sujeitos os corpos sexo-gênero dissidentes. Sendo a precariedade uma distribuição desigual da condição precária a qual todas as pessoas estão sujeitas: ficar doente, sofrer um acidente, morrer são condições precárias, estar mais vulnerável do que outras pessoas a essas situações é uma situação de



precariedade, Butler (2018) a interpreta como uma exposição às certas violências autorizadas, diretamente ou indiretamente, pelo Estado, que deveria garantir o direito a uma vida vivível.

A precariedade é muito explícita na questão de gênero: pessoas transgênero não têm garantia de acesso à saúde ou segurança de vida da mesma forma que pessoas cisgênero. Isso tem em parte a ver com a forma como aparecemos no espaço público. Se aparecemos de forma ininteligível, entramos em uma situação de precariedade. “As normas de gênero têm tudo a ver com como e de que modo podemos aparecer no espaço público, como e de que modo o público e o privado se distinguem, e como essa distinção é instrumentalizada a serviço da política sexual” (BUTLER, 2018, p. 42-43).

Mas a reunião de corpos no espaço público, uma assembleia, não é uma simples expressão da democracia de países ocidentais (independente do significado que se dê para essa noção). Pelo contrário, ela expõe uma falha da sociedade, que é a permissão para que uma vida esteja nessa condição. Estar reunido no espaço público é fazer-se visível, exigir reconhecimento mesmo que não se consiga obtê-lo. Assim, a “reunião significa persistência e resistência” (BUTLER, 2018, p. 30).

Por outro lado, Butler (2018) adverte para uma interpretação simplista: não se trata apenas de aparecer e fazer-se visível, o ato performativo não é uma ação individual e simples. É preciso pensar em como alguém consegue aparecer e de que forma. A forma com que corpos dissidentes têm de dizer que suas vidas não são descartáveis é a reunião. Penso, portanto, que a assembleia e a aparição pública individual são reivindicações de outra racionalidade do espaço.

Sobre essa noção de racionalidade estou me referindo à proposição de Santos (2012) de que a racionalidade inclui tanto o imaterial (o espaço da sociologia), quanto o material (o espaço da geografia), já que a racionalidade é definida pelas condições técnicas que produzem materialidade e, portanto, “um campo de ação instrumental” (SANTOS, 2012, p. 292).

Como resultado da exposição até aqui, sugiro que as técnicas desse campo de ação instrumental são produzidas e produtoras de gênero e sexualidade, além de outras marcas sociais. Se a racionalidade do espaço é aquela que diz respeito às técnicas de determinado período do espaço, o meio técnico-científico-informacional é orientado para uma ação cis-



hetero-instrumentalizada na produção de relações sociais, como mostra a análise de algumas técnicas de produção de gênero e sexualidade em relação às técnicas de produção espacial (ALMEIDA, 2019).

Essa interpretação da técnica, e mesmo da tecnosfera, a partir da teoria do desejo é um desvio intencional à teoria de Milton Santos (2012). Não me interessa romper com a ligação que o autor estabeleceu entre técnica e mercado capitalista, por exemplo, uma vez que “o mercado não é um poder externo que vem para expropriar, reprimir ou controlar os instintos sexuais do indivíduo” (PRECIADO, 2018, p. 49). A ideia que estou defendendo aqui é a de que a relação entre a técnica e o mercado na produção espacial passa, necessariamente, pelo controle tecnobiopolítico do corpo, no qual o desejo e o sexo são componentes importantes.

Dito tudo isso, o que interessa em uma abordagem espacial do queerpunk – ou uma abordagem punk do espaço – é que os discursos queerpunk e punks feministas não demonstram um desejo de reconhecimento por parte de nenhuma instituição. Então, o encontro, a assembleia, os desvios à racionalidade do espaço, as técnicas de produção desses novos espaços, todos esses termos acadêmicos podem ser visualizados na performance queerpunk se abirmos nosso olhar para considerar sua dimensão espacial.

Gostaria de trazer a ideia de “rompimento temporário de escalas” que Rodrigo Valverde (2012, p. 19) usa para descrever um exemplo hipotético de uma praça pública caracterizada pela “patrimonialização do poder público” com estátuas de figuras da identidade nacional (escala nacional), mas que pode ser apropriada por outros grupos, como skatistas ou pela população de rua. Haveria uma multiterritorialidade, nos termos de Rogério Haesbaert (2005), em um agenciamento de diferentes escalas espaciais conforme o grupo social que se apropria da praça em determinado momento.

Queerpunks transformam a escala do punk feito por homens brancos e/ou heterossexuais, dominantes na cena ainda hoje (talvez seja justo estender para toda a cena hardcore), uma vez que a temporalidade e a espacialidade queer funcionam em outra lógica: o tempo é o do agora, porque o passado e o futuro podem ser de retomada das atividades laborais de gênero (voltar a performatividade de gênero habitual), os laços criados são



instantâneos e se quebram ou são afastados pelas distâncias espaciais de pequenos grupos que se reúnem ali com um objetivo específico.

Desapegar-se das identidades e dos papéis de gênero, da vigilância de gênero, dos contratos afetivos é desidentificar-se. A autodestruição implica em uma negação de filiação com qualquer identidade. Como a ação social não existe fora de um espaço, a performatividade punk produz uma heterotopia do desejo, uma pornotopia nos termos de Preciado (2010). Uma pornotopia dos fracassos (intencionais) de gênero e sexualidade. Pornotopia autodestrutível. Espaço cuja realização se dá através da supressão de normas da sociedade.

Só há resistência quando os grupos sociais têm esse objetivo explícito. Certamente há punks queer-feministas que compartilham desse ideal. Em termos teóricos, para uma geografia que pode olhar para sujeitos esquecidos nas narrativas heroicas da história LGBT e feminista, uma pornotopia do fracasso soa como um caminho investigativo interessante. Mas como vemos no exemplo do show punk queer-feminista que, em geral, acontece em festivais com bandas que não são queer-feminista, é preciso considerar o que Valverde (2012, p. 18) chamaria de “jogo de influências” ou “campo de forças”, que se renovam com a apropriação do espaço por diferentes grupos, em temporalidades diferentes ou não e multiterritorializados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O queerpunk é um movimento cultural e político que constitui o campo das lutas pelos direitos sexuais e de gênero (WARFIELD et al., 2021). É importante lembrar algo que pouco é contado na história dos movimentos sexuais no Brasil: os punks estiveram presentes na construção da primeira parada do orgulho LGBT em São Paulo, na década de 1990 (RIBEIRO, 2021).

O espaço é central nessa disputa política, pois no encontro físico, outros espaços são produzidos, extrapolando uma utopia de um outro modo de liberdade sexual e realizando-a. Ainda que em condição de efemeridade e/ou precariedade, essas heterotopias (FOUCAULT, 2013), ou pornotopias (PRECIADO, 2010), produzem uma nova racionalidade do espaço: novas regras, funcionamento, significados, inteligibilidades.



Olhar para o movimento queerpunk com um olhar espacial parece ser um caminho para: 1. novos temas e escalas geográficas; 2. a elaboração de novos conceitos geográficos a partir do diálogo com os estudos de gênero e sexualidade. Além disso, para entender o queerpunk como parte dos movimentos sexuais e de gênero, a etapa seguinte desta pesquisa é dedicada a recolher relatos de pessoas que contribuíram e ainda contribuem para a manutenção do movimento.

As articulações entre geografia, teoria queer e movimento punk, discutidas ao longo deste texto de revisão bibliográfica, sugerem novos caminhos não apenas para apreender meu objeto de estudo – o movimento queerpunk e sua relação com movimentos sexuais –, mas para uma geografia de escalas menores, outras, sobrepostas (VALVERDE, 2012), das ações cotidianas (THRIFT, 2008).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vinicius Santos. **Proposta de cartografia queer a partir do mapeamento da violência aos corpos dissidentes das normas sexuais e de gênero em São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/D.8.2020.tde-04032020-154531>. Acesso em: 14 nov. 2021.

BITTENCOURT, João Batista de Menezes. **Nas entrecruzilhadas da rebeldia: uma etn-cartografia dos straightedges em São Paulo**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), UNICAMP, Campinas, 2011. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/795669>. Acesso em: 14 nov. 2021.

BOURCIER, Sam. **Homo inc.orporated: o triângulo e o unicórnio que peida**. São Paulo: n-1 edições; crocodilo, 2020.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Tradução de Fernanda Siqueira Miguens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.



BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Trad. br. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civiziliação Brasileira, 2017. 15. ed. (Sujeito & História).

EDELMAN, Lee. **No future**: queer theory and the death drive. Durham, Londres: Duke University Press, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de Saber. Trad. br: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz & Terra, 2018. 7. ed.

FOUCAULT, Michel. De espaços outros. **Estudos Avançados**, v. 27, n. 79, São Paulo, 2013, p. 113-122. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/68705>. Acesso em: 14 nov. 2021.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso**. Recife: CEPE, 2020.

HALBERSTAM, Jack. **In a queer time and place**: transgender bodies, subcultural lives. Nova Iorque, Londres: New York University Press, 2005.

JONES, G. B.; LABRUCE, Bruce. Don't be gay: or, how I learned to stop worrying and fuck punk up in the ass. **Maximum Rockroll**, abril 1989, n. 71. Disponível em: https://archive.org/details/mrr_71/page/n51/mode/2up. Acesso em: 14 nov. 2021.

MORANDO, Luiz. **Enverga, mas não quebra**: Cintura Fina em Belo Horizonte. Uberlândia: O sexo da palavra, 2020.

NYONG'O, Tavia. Punk'd theory. **Social Text**, v. 23, n. 3-4, 2005, p. 19-34. Disponível em: [https://read.dukeupress.edu/social-text/article-abstract/23/3-4%20\(84-85\)/19/32711/Punk-d-Theory](https://read.dukeupress.edu/social-text/article-abstract/23/3-4%20(84-85)/19/32711/Punk-d-Theory). Acesso em: 14 nov. 2021. DOI: https://doi.org/10.1215/01642472-23-3-4_84-85-19

MUÑOZ, José Estéban. **Cruising utopia**: the then and there of queer futurity. Nova Iorque: New York University Press, 2009.

PRECIADO, Paul B. **Pornotopía**: arquitetura y sexualidade em “Playboy” durante la Guerra Fría. Barcelona: Anagrama, 2010.



QUINALHA, Renan. **Contra a moral e os bons costumes**: A ditadura e a repressão à comunidade LGBT. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

RIBEIRO, Eduardo. **Uma história oral do movimento anarcopunk em São Paulo**: 1988-2001. Rio de Janeiro: Rizona, 2001. 4. ed.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2012, 4. ed., 7. reimp.

TEU PAI JÁ SABE?. **Queer**. Curitiba. Gravadora Tratore: 2013. Mídia digital (2'46'). Disponível em: <https://teupaijasabe.bandcamp.com/>. Acesso em: 14 nov. 2021.

THRIFT, Nigel. **Non-representational theory**: space, politics, affect. Londres, Nova Iorque: Routledge, 2008.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Objetiva: São Paulo, 2018.

VALVERDE, Rodrigo Ramos Hospodar Felipe. Corporeidade e multiterritorialidade na geografia cultural: além da dominação, da ressitência e da tradição. **Revista do Departamento de Geografia**, p. 4-25, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/53839>. Acesso: 14 nov. 2021. DOI: <https://doi.org/10.7154/RDG.2012.0112.0001>

WARFIELD, Liam; CRASSHOLE, Walter; LEYSER, Yony. **Queercore**: how to punk a revolution – an oral history. Oakland: PM Press, 2021.

WIEDLACK, Maria Katharina. **Queer-feminist punk**: an anti-social history. Viena, Áustria: Zaglossus, 2015. Disponível em: <https://library.oapen.org/handle/20.500.12657/33098>. Acesso em: 14 nov. 2021.